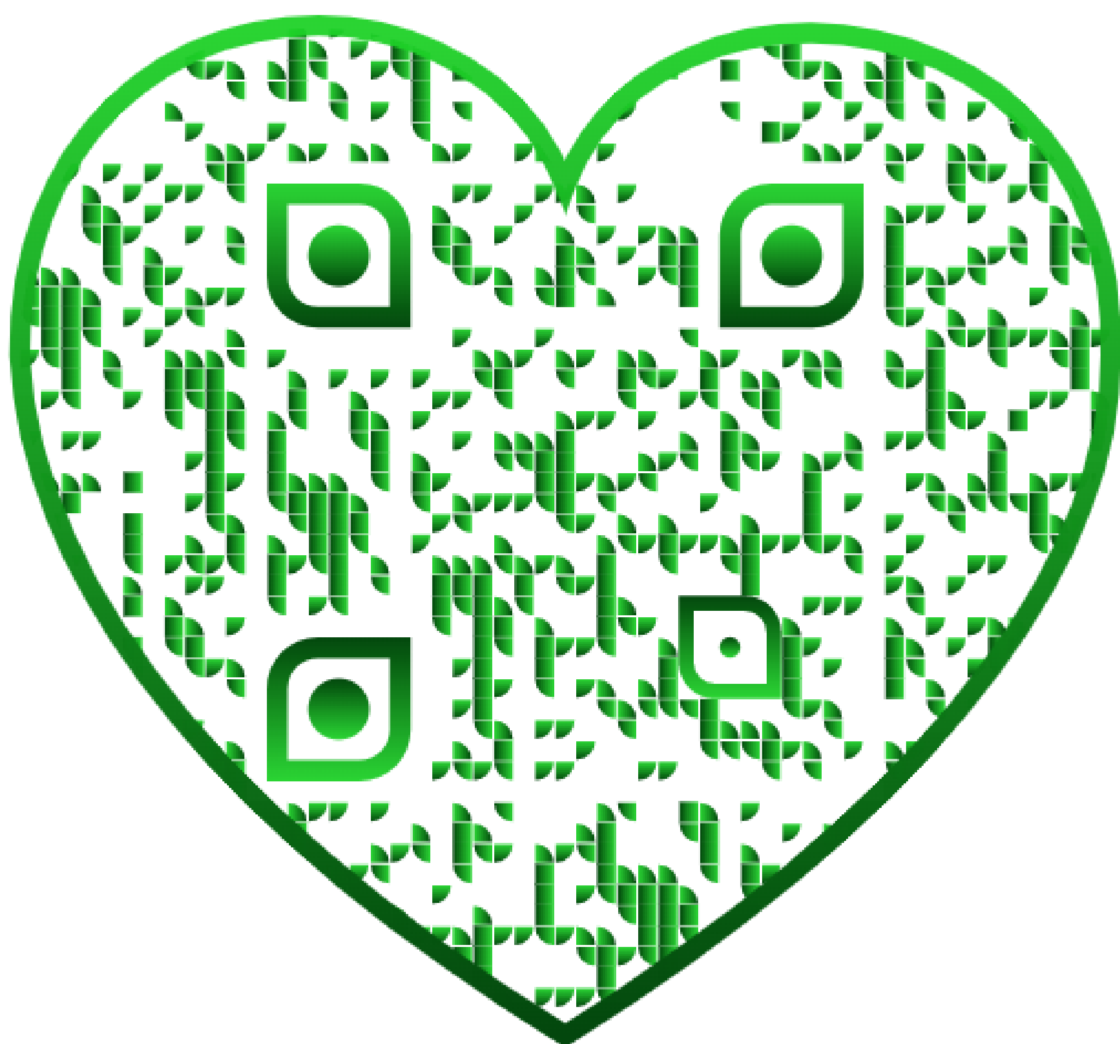
R.F. LUCCHETTI

O MESTRE DA PULP-FICTION

A Mulher de Satanás



A Mulher de Satanás (2000)
por RF Lucchetti
O Mestre da Pulp-Fiction
Copyright 2000
LPB Edições
LONDRINA — PR
COLEÇÃO PULP-FICTION

Sinopse

Era como um fantasma de seu próprio passado. Um fantasma com quem ele houvesse marcado um encontro no inferno.

1



Foi um longo, um terrível momento para Earl Nelson. Uma dessas ocasiões em que desaparece a noção do tempo, e ele não poderia disser que ficara ali parado durante uma hora ou somente por um minuto. Não sabia. E quando, finalmente, desviou o olhar, a visão impressionante daquela mulher permaneceu-lhe nos olhos. Era como se seus olhos não se tivessem movido; ele ainda a via.

Não fora o sangue a escorrer-lhe pela maquilagem como as linhas de um rio representado num mapa, que o impressionou. Nem tampouco por ela estar morta.

Ele ficara como que paralisado, dominado por um entorpecimento emocional que o acompanhou até a casa. O que o impressionara tinha sido o que o tempo, o correr dos anos, havia feito àquela mulher, Jeanette Molloy.

A boca, outrora tão graciosa, com uma expressão de amuo, estava agora frouxa e lassa. A pele era granulada, mesmo por sob a espessa camada de pintura.

Não parecia, absolutamente, ter quarenta anos. Parecia ter sessenta.

Ele sacudiu a cabeça e a visão sumiu-se. Viu então que estava olhando através da sala pequena e pobre, para sua própria imagem, num espelho de parede.

— Ela não é a única — murmurou ele.

Também sua própria fisionomia se transformara naqueles poucos minutos. Levou os dedos ao cabelo espesso e grisalho das têmporas, que agora não lhe dava mais o ar distinto que Eileen sempre achara. Simplesmente lhe dava uma aparência envelhecida.

Ele não parecia Earl Nelson, o famoso caricaturista, o conhecido homem de sociedade. Parecia um velho que houvesse resistido por mais tempo que os outros, por meio de uma vitalidade forçada, e que de repente tivesse fraquejado, dado de si.

Ficou contente de Eileen não estar ali para vê-lo com aquele aspecto. Mas era bom pensar nela.

Por uma janela aberta nos fundos do apartamento, chegaram-lhe aos ouvidos os sons desafinados da voz de um bêbado que cantava lá em baixo na Décima Avenida. Num apartamento ao lado, um homem ressonava.

Earl notou que estava suando. O ar abafado daquele apartamento tornava-se dificilmente respirável. Correu o olhar pela mobília barata e pensou: "Que lugar para morar!... " O olhar relanceou novamente pela mulher estendida no chão. Outro pensamento amargo lhe veio à mente: "Que lugar para morrer".

E de repente compreendeu que tinha de sair dali quanto antes. Novamente correu o olhar pela pequena sala, e nada encontrou que pudesse servir de indicio à polícia. Na ponta dos pés, afastou-se do cadáver da mulher. No cérebro latejavam um milhão de pequenos impulsos. Havia coisas que ele faria antes de sair. Mas havia também aquela vontade de sair dali e os pés moveram-se-lhe como que automaticamente.

Earl saiu para o corredor. Uma única lâmpada suja pendia de um fio, e a luz dela fez com que suas feições bonitas de homem maduro novamente parecessem cansadas e terrosas, tal como momentos antes, lá dentro, quando ele se descontrolava.

Fechou a porta, silenciosamente e voltou-se, e viu uma mulher parada à porta do apartamento do outro lado do corredor. Sorria para ele. Mesmo havendo entre os dois toda a largura do corredor, Earl podia sentir-lhe o hálito impregnado de álcool.

Durante um momento ela nada disse, ficando apenas a sorrir-lhe com o olhar fingidamente astuto dos bêbados.

— O senhor é um gentleman — disse ela. — Nunca conheci um gentleman de verdade, mas sei dizer quando vejo um. — Era estranho ouvi-la falar. Uma ruiva grande e cheia metida num quimono vermelho com aquela voz aguda, esganiçada.

— Por que não entra para fazer uma visitinha a mim também, simpático? Eu valho tanto quanto essa aí. Mas nunca nenhum cavalheiro de verdade me veio visitar.

2



Earl Nelson sentiu o coração saltar-lhe do peito. Não sabia o que haveria de fazer para remediar o fato de ter sido visto por aquela mulher. Levantou a mão, num gesto inacabado de explicação.

— Eu estava somente... — o que quer que ele fosse disser, não terminou.

Desviou os olhos. Moveu as pernas a custo. Seguiu depressa pelo corredor, desceu a escada e saiu para a rua.

Talvez — pensou ele — ela estivesse bêbada demais. Talvez não se recorde ou não possa descrever-me.

Uma quadra mais adiante, continuava pensando naquela mulher. Achou que deveria ser a vizinha com quem, dissera Eileen, sua mãe estava sempre brigando.

Earl continuou vendo a maneira por que ela lhe sorria.

Pairava sobre a rua uma ligeira névoa, criando um halo pardacento em redor das mortiças lâmpadas da rua, e dando à avenida deserta caráter irreal, de sonho, fazendo que Earl Nelson se sentisse como um desses pequenos símbolos de terror que ilustram as novelas de mistério. De quando em vez, olhava para trás, porém não via ninguém.

Começou então a pensar no homem que o seguira às primeiras horas da noite. Pelo menos o homem poderia estar a seguí-lo. Earl não tivera certeza. Mas, de qualquer modo, tinha-se desvencilhado dele antes de ir ao apartamento de Jeanette Molloy.

Desceu para seu estúdio em Greenwich Village, mas Eileen não se achava lá. Pensou que talvez ela tivesse ido esconder-se lá. Voltou para o botequim na Avenida Lexington, onde sempre se encontravam, e onde ela não aparecera, horas antes, e isto era apenas uma última esperança, que não se concretizou, tal como ele acreditava que acontecesse.

Onde mais procurar Eileen, Earl não sabia. Precisava falar com ela. Eileen precisava de ajuda, de dinheiro e de conselhos. E Earl era o único que poderia lhe dar tais coisas. Ela deveria estar louca de medo, de preocupação.

Qualquer pessoa estaria, em tais circunstâncias. Earl pensou quanto tempo haveria para que a polícia tomasse conhecimento da morte de Jeanette Molloy. Ah! Se ele pudesse saber o que havia acontecido lá dentro! Deveria ter sido realmente algo muito grave, para levar até a um assassinato.

Entrou em seu apartamento da Rua 64, e o porteiro o cumprimentou exatamente como se aquela fosse uma noite qualquer, como se nada de mais houvesse acontecido.

Earl fez um movimento de cabeça, e passou pela portaria, atravessando o luxuoso saguão atapetado em direção ao elevador. O ascensorista sorriu para ele, enquanto o elevador subia.

— Aquelas suas duas últimas caricaturas no Metropolitan desta semana estão formidáveis, Sr. Nelson — disse o rapaz.

Earl Nelson procurou lembrar-se quais eram.

— Obrigado, Jimmy. Fico satisfeito de você ter gostado.

— Não sei como o senhor consegue fazer aquilo — continuou Jimmy, sacudindo a cabeça com admiração. — Que senso de humor! — Sim. — pensou Earl Nelson — ele era o caricaturista, o engraçado, o humorista do lápis.

— Tudo é a mesma droga, Jimmy — disse ele. — É a mesma coisa que cuidar de um elevador.

Pararam no décimo primeiro andar, e então Nelson saiu, e seguiu pelo corredor. Parado diante da porta, endireitou os ombros, compôs a fisionomia. Esperava que Márcia já estivesse ido para a cama. Não sabia se poderia estar perto dela, naquela noite. Já fora uma tortura, nas noites anteriores. E nos últimos tempos ela vinha-se portando de modo terrivelmente estranho, como se suspeitasse de alguma coisa.

Ela estava sentada a um canto, na espaçosa poltrona perto do aparelho de televisão. Baixou a revista que estava lendo. Earl sabia que ela não estivera realmente lendo.

— Alô — disse ela, sorrindo. Mas havia em seu sorriso algo que pareceu a Earl muito estranho.

— Alô, Márcia! — disse ele. Atravessando a sala sem olhar para ela, e começou a tirar o paletó. Pondo-o em cima de uma cadeira, e de uma caixa em cima da mesa retirou um charuto. Sentou-se noutra poltrona.

Levou muito tempo para acender o charuto, e então, atrás da cobertura da nuvem de fumo que criara, olhou para ela.

— Parece que não está bem disposta, Márcia. Realmente não me agrada ver-te acordada até estas horas. Devias estar descansando. Já é muito tarde.

— Eu sei — disse ela.

Sua voz era macia, calma. Márcia era dessas mulheres que dão uma

impressão de leveza. Não era magra, porém delicada, um tanto franzina. O rosto pequeno, bonito e expressivo, com um matiz de maturidade, sob o halo da cabeleira completamente grisalha muito bem penteada. Ao invés de parecer mais velha, entretanto, o cabelo acentuava-lhe a beleza juvenil do rosto. Nelson nunca podia acreditar bem que ela fosse apenas um ano mais moça do que ele, e mãe de um rapagão como Earl Júnior.

Earl lançou um rápido olhar em direção ao quarto do rapaz, e em seu olhar havia a expressão de uma carícia e terna amizade.

Nelson não tinha querido mentir a Márcia, nem enganá-la como havia feito. Fora em grande parte por causa do filho deles dois que Earl fizera tudo aquilo.

E também por causa de Márcia. Ficou pensando no que iria acontecer agora.

Márcia levantara-se da poltrona. Ficara parada junto à janela, olhando para a noite, lá fora. Parecia tão delicada, assim, entre as cortinas de cores ricas e pesadas.

— Earl, — disse ela sem voltar-se. — Preciso falar contigo. Vou procurar não ser melodramática. Eu...

A voz como que morreu, e Earl viu os dedos de Márcia apertarem-se no pano da cortina. Por um momento, sob a incidência da luz, o anel de brilhante, presente de casamento, cintilou-lhe no dedo.

— Continua — disse ele.

Ela esperou apenas um instante, ainda assim o tempo suficiente para que Earl sentisse úmidas as palmas das mãos, e latejarem-lhe as têmporas, enquanto pensava e tornava a pensar: "Vai ser agora. Vai ser agora".

— Era tão evidente, Earl — disse Márcia. — Foste tão... inábil, que não pude deixar de suspeitar. Creio que era porque não estavas acostumado a fazer essas coisas. Desde o começo que te portaste de modo estranho. Andavas tão calado, tão preocupado. E começaste a ir para o estúdio à noite, para trabalhar, dizias. E depois, numa noite, voltaste para casa com o colarinho manchado de batom.

3



Ele lembrava-se disso. Márcia tinha razão, fora inabilidade sua. Ele não tinha experiência daquelas coisas, para poder precaver-se. Vira a mancha de batom na manhã seguinte e limpara-a. Mas, pelo que via, fora tarde demais.

— ... e por isso contratei os serviços desse detetive, Earl. Foi muito desagradável para mim ter de fazer isso. Era como se estivesse espionando. Mas eu tinha de fazer. Peço-te que compreendas, Earl.

Novamente ela para de falar. Ainda não se voltara para ele. Earl esperava que ela não se voltasse. Não queria ter de encará-la. Se ela fosse ao menos uma mulher diferente! Se tivesse um acesso de nervos, chorasse e gritasse, e atirasse coisas nele, mas não. Aquele era o modo como Márcia reagia. E era justamente isto que fazia com que a coisa se tornasse ainda pior.

— Compreendo — disse ele. Lembrou-se do homem que o estava seguindo. Não era imaginação sua.

— Mas ela é tão jovem, Earl! — disse Márcia. — como é que eu poderia dizer-te...

— Então sabes tudo a respeito dela... — disse ele.

— Muita coisa, ao menos. O detetive verificou o que podia. Ela se chama Eileen Molloy e trabalha como estenógrafa numa firma de publicidade. Mora com a mãe num velho edifício de apartamentos da Décima Avenida.

— Realmente — disse ele. O detetive fez um bom trabalho.

Sim, o homem maduro, rico, e a jovem estenógrafa... — pensou Earl com amargura.

Márcia voltou-se, afastando-se da janela. Aproximou-se da mesa e apanhou um cigarro. Os dedos longos e brancos tremiam-lhe e quase não pode acendê-los.

— Não vou choramingar — disse ela fazendo um gesto de impotência com as mãos — Mas simplesmente não sei o que deva fazer, Earl. Quero dizer, que significa isto? Tu a amas? — Naturalmente — respondeu ele com firmeza. — ela é...

Deteve-se. Não deveria ter dito aquilo. Saíra-lhe naturalmente. Qualquer coisa que ele pudesse acrescentar, agora tornaria a situação pior. Não poderia explicar.

— Bem, eu não sei, Earl — As lágrimas vieram-lhe então, e começaram a correr-lhe pelas faces. Márcia voltou-se depressa, em direção ao quarto de dormir.

— Desculpa-me — disse ela. — Pensei que poderíamos resolver isto hoje à noite, Earl. Talvez amanhã.

Ele ouviu as batidas de suas chinelas de salto alto na parte do soalho desprovida de tapetes, então ouviu fechar-se a porta do quarto. Continuou sentado.

O charuto apagara-se-lhe entre os dedos. Earl largou-o no cinzeiro. Levantou-se e aproximou-se da mesma janela em que ela estivera e ficou olhando para fora. Via a rua lá em baixo. O guarda de ronda, passando pela calçada, balançando o cassetete, e aquela mesma névoa, com o mesmo halo amarelo em redor das lâmpadas, nos postes. Não havia ninguém mais na rua, além do guarda, passou um táxi veloz.

Earl voltou-se e olhou para a rica mobília do apartamento. Viu então, na mente, aquele outro apartamento em que estivera na mesma noite, e o contraste entre os dois. Lembrou-se de Jeanette Molloy, caída lá, morta.

— Tenho tudo — disse a si mesmo — Sou vitorioso em minha profissão. Olhou para alguns originais emoldurados de seus trabalhos, por sobre o bar. — Tenho bastante dinheiro. Até certo ponto, sou famoso. Tenho Earl Júnior, e tenho Márcia... Não, não posso deixar que isto aconteça.

Moveu as mãos num gesto vago. Depois, encaminhou-se para o divã, e ficou pensando... Por fim adormeceu.

Já era manhã clara quando Márcia o despertou. Ela o sacudiu e Earl sentou-se, devagar, esfregando os olhos, depois todo o rosto, com as mãos. Sentia-se rijo, entorpecido por ter dormido ali, vestido. Levantou o olhar para Márcia.

— Acorda, Earl — disse ela. — Há uns senhores aqui que querem falar contigo. São... são da polícia.

Earl voltou-se, olhando em direção à porta. Viu os dois homens parados perto da entrada do apartamento. Eram ambos homens de meia-idade, esbeltos, meticulosamente vestidos. Seguravam nas mãos os chapéus.

— Polícia? — repetiu Earl.

Então tudo lhe voltou à memória. Sentiu como se alguma coisa lhe comprimisse o estômago, levantou-se, um pouco tonto, mas dominou-se. Passou a mão pelos cabelos grisalhos, em desalinho.

"Não perca a calma"— pensou — "Espere até despertar completamente. Deixe que sejam eles que falem".

— Queres trazer-me um pouco de café, Márcia? — pediu. — Depressa, se puderes. — Esfregou mais um pouco o rosto, e fez um gesto em direção às poltronas.

— Entrem... Sentem-se.

4



Os dois policiais entraram e sentaram, Nelson apanhou uma cadeira e sentou-se diante deles. Foi o mais velho dos dois que falou. Tinha rosto fino, incisivo, olhos pequenos e estreitos, acinzentados, e o nariz ligeiramente aquilino. O cabelo, cor de areia, era cortado muito rente por cima das orelhas e atrás.

Os lábios largos e cheios.

— Desculpem se o incomodamos, Sr. Nelson — disse ele. — Sou o tenente Baker, da seção de homicídios — fez um gesto na direção do outro homem. — Este é o sargento Daley, meu assistente. Ontem a noite foi morta uma mulher na Décima avenida. Pensamos que o senhor talvez pudesse auxiliar-nos neste caso.

"Controle-se"— disse Nelson a si mesmo. — "Cautela".

— Sim? — disse ele. A voz pareceu soar-lhe convenientemente. — Por quê? Por que haveria eu de poder ajudá-los?

Márcia entrou com o café. Trazia a cafeteira e três xícaras para servir aos homens.

Earl tomou café puro. Queimou-se um pouco a boca, mas mal notou.

O tenente assoprou o café, tomou um golinho e pôs a xícara novamente no pires.

— Realmente, não há muito que fazer. Agarramos a moça... a filha. Não resta muita dúvida de que foi ela quem cometeu o crime, mas desejamos esclarecer o caso definitivamente. O senhor compreende, a moça tinha um cartão de visita do senhor, quando nós a prendemos, Sr. Nelson. E uma vizinha, do apartamento em frente, descreveu-nos o homem que ontem à noite esteve lá no apartamento. Tal descrição combina muito bem com o tipo do senhor.

Fez-se uma pausa e Baker tornou a bebericar o seu café. De repente olhou diretamente para Nelson. Um dos dois lados de sua boca musculosa contraiu-se levemente.

— O nome da moça é Eileen Molloy.

— O que o senhor esta dizendo — continuou Nelson procurando os

cigarros — é que está moça matou a mãe... O senhor está certo de que foi ela? — Até este momento não estamos certos — disse Baker. — Nunca temos certeza. Aliás, está é a nossa maneira de agir. Os vizinhos depuseram, afirmando que a mãe maltratava muito a moça. As duas brigavam muito. A mulher foi morta com a lima de unhas da garota. E nós prendemos a pequena na estação rodoviária, quando ia fugir da cidade.

— Compreendo — disse Nelson. Acendeu um cigarro, esforçando-se para que seus dedos não tremessem.

— E que me diz o senhor do cartão, Sr. Nelson? E a respeito do depoimento daquela mulher? Era o senhor? Earl Nelson olhou para os dois homens. Daley despejara o café no pires, e assoprava-o ruidosamente, olhando para Nelson por baixo das pálpebras caídas.

Nelson continuou imóvel, sugando seu cigarro.

Compreendeu então que tudo apareceria agora às claras.

— Sim — disse ele por fim. — Eu... eu conheço a moça. Estive lá ontem à noite realmente.

Levantou o olhar para a porta da sala. Márcia estava parada junto dela, de braços cruzados, encostada no portal. Seu rosto tinha uma expressão muito calma, mas fora invadido por palidez de cera.

Baker piscou os olhos abertos, inteligentes, como se tivesse sido ofuscado por uma luz intensa. Novamente levou a xícara a boca, e novamente tornou a fitar Earl Nelson. Correu o olhar pela sala e deteve-se nas caricaturas da parede.

— Ah... Então o senhor é Nelson, o caricaturista... Ela é um pequena bonita. Que é que ela faz? Trabalha como modelo para o senhor?

— Não — respondeu Nelson — Nossas relações são pessoais.

— Por que foi que o senhor foi a casa dela ontem à noite? — perguntou Baker com voz calma.

— Tinha um encontro marcado com ela às 10 horas. Ela não apareceu. Eu... tinha alguma coisa que queria discutir com ela, por isso, depois de esperar duas horas, dirigi-me à casa dela.

— E a mulher já estava morta quando o senhor chegou lá? — inquiriu Daley. O sargento olhou para Baker, para pedir aprovação de sua iniciativa, mas, ao encontrar o olhar de Baker corou fortemente. — Desculpe-me, tenente — gaguejou.

— Sim — disselhes Nelson. — Jeanette Molloy estava morta quando estive lá. Foi realmente um choque para mim. Eu não esperava absolutamente encontrá-la, e muito menos encontrá-la assim...

5



O tenente Baker levantou-se.

— Creio que terei de pedir-lhe que venha à cidade conosco, Sr. Nelson. — Lançou um rápido olhar para Márcia, que continuava à porta. — Poderemos tratar mais minuciosamente deste assunto lá em baixo.

— Naturalmente — disse Nelson. Levantou-se, também. — Eu... se não houver inconveniente, eu gostaria de falar com minha esposa por um momento.

Baker fez um gesto afirmativo de cabeça, e Nelson atravessou a sala com largas passadas. Márcia havia desaparecido. Ele encontrou-a junto à janela do quarto, olhando para fora. Voltou-se quando ele entrou e deu dois passos em sua direção. Tomou-lhe então as mãos e apertou-as tão fortemente que quase o magoou.

— Earl, tu... não tens nada que ver com este... crime não é mesmo? Os olhos dela pareciam penetrar nos dele. Mas Earl não desviou o olhar. Do modo mais brando que pode, retirou as mãos das dela.

— Não — disse ele. — Não, Márcia. Bem que gostaria de saber o que disser-te. Ah! se eu pudesse dizer!...

Ela afastou-se um pouco e perguntou depressa: — O que, Earl? Conta-me o que há?

— Nada. — Earl desviou o olhar. — Quero ver se consigo manter tudo isto em silêncio. Mas não sei. Se vier algum repórter, não deves recebê-lo.

Voltou-se e retornou para a sala de estar. Baker e Daley estavam à sua espera, de chapéu na cabeça.

— Muito bem — disse Nelson.

Enquanto corria o sedan da polícia, Nelson conjeturava se deveria contar à polícia a verdade... toda a verdade. De qualquer modo, aquilo seria uma desgraça para sua família. Quer a notícia dos jornais fosse de que ele tinha tido uma aventura com uma jovem acusada de homicídio, quer a outra história viesse a público... Earl Nelson não sabia dizer qual dois males era o menor.

Pensou também a respeito de Eileen. Sabia que, se ela tivesse matado Jeanette, é porque havia um motivo muito sério para isto. Ele haveria de ajudá-la

de todas as formas que pudesse. Gastaria o último centavo que pudesse obter, se fosse preciso, para salvá-la.

Um assistente do promotor distrital de nome McCormick, estava na central de polícia. Nelson disse-lhe que conhecera Eileen Molloy várias semanas antes, e que desde então costumara vê-la regularmente, à noite.

— A sua esposa não tem conhecimento desta aventura não é verdade? — perguntou o tenente Baker, passado algum tempo.

— Não — disse Nelson. — E não se trata de uma aventura. — O rosto dele coloriu-se de vermelho e o músculo do lado do rosto tremeu-lhe um pouco.

— E de que modo o senhor lhe chamaria? Nelson cerrou os punhos, mas não respondeu. Baker continuou.

— E a mãe da garota, a tal Jeanette Molloy, sabia a respeito do senhor e da filha dela?

— Eu... não creio que soubesse — disse Nelson.

McCormick e Baker olharam-se um para o outro.

— Que é que você pensa? — perguntou McCormick ao policial.

Baker franziu os lábios grossos, e apertou-os com a ponta dos dedos. Depois respondeu.

— Não creio que esse aspecto da questão nos adiante alguma coisa. Não sei nem mesmo por que estamos tendo este trabalho. Já temos a confissão da moça. Ela teve uma briga com a velha a respeito de dinheiro, descontrolou-se e matou-a. Acho que isto encerra o caso.

— O senhor quer dizer que Eileen confessou? — perguntou Nelson. — Ela reconhece ter matado a mãe?

— Exatamente. — Baker observara-o atentamente. — Mas que tem isso?

— Nada — disse Nelson. — Acho que... Posso.. falar com ela? Eu gostaria também de lhe arranjar um advogado.

Novamente o detetive e o assistente do promotor trocaram olhares. McCormick fez um gesto afirmativo de cabeça, e Baker saiu do gabinete. Poucos minutos depois, apareceu acompanhado de uma jovem algemada.

Era alta e esbelta, com o queixo forte para uma moça. Os olhos eram muito grandes e azuis. Toda sua maquilagem desaparecera e sob seus olhos havia olheiras de cansaço. Parou, olhando par Earl Nelson.

O desenhista estendeu a mão na direção da jovem, num gesto inseguro. Sorriu levemente, mas seu rosto parecia endurecido.

— Olá, meu bem — disse.

A moça não sorriu para ele. Desviou o olhar, dirigindo-se para Baker.

— Não conheço esse homem — disse ela. — Que é que os senhores pretendem com isto?

— Deixe disse, Eileen — disse Baker. — O senhor Nelson nos contou tudo.

Nelson compreendeu então que ela estava querendo protegê-lo, querendo mantê-lo fora daquilo. Comoveu-se. Sim, era uma pequena corajosa, pensou. Mesmo em meio aquela situação tão difícil queria protegê-lo.

Deu alguns passos para ela, e segurou-lhe a mão livre. Logo que a tocou, a resistência da jovem pareceu desmoronar, e ela passou o braço em torno do pescoço dele, pôs o rosto contra o seu ombro e começou a soluçar.

— Eu poderia falar a sós com ela? — perguntou Nelson a McCormick. — Apenas por alguns minutos.

McCormick brincou por um momento com a corrente do relógio que lhe atravessava o colete e então ordenou à mulher que acompanhava a presa que desprendesse a algema. A mulher obedeceu e todos saíram do gabinete. Nelson e Eileen ficaram a sós.

A jovem continuou soluçando por alguns momentos, e então Earl Nelson lhe disse: — Conte-me tudo o que há, meu bem. Tudo vai sair bem, pode estar certa.

Enxugou os olhos no lenço dele. Eileen explicou: — Ela descobriu tudo a nosso respeito, ontem. Mamãe descobriu quem você é. Não sei como, mas descobriu. Quando voltou para casa ontem à noite, foi diretamente procurar-me. Queria que eu fizesse chantagem... com você... brigamos muito por causa disso.

6



Abruptamente, parou de falar, inclinou-se para trás e os olhos procuraram os dele.

— Mas você sabe daquilo. Não foi por isso... — A moça calou-se de repente, e olhou para trás, por cima do ombro, para a porta fechada do gabinete.

— Não sei — disse ele, e entre seus olhos se formou uma ruga de apreensão. — Como poderia saber, Eileen? Mas não tem importância. Continue.

— É só isto — disse ela. Tivemos uma briga muito forte. Eu lhe disse que não podia fazer isto com você. Foi uma coisa horrível. Ela me bateu. Correu atrás de mim por todo o apartamento e...

Novamente voltou a soluçar. Nelson esperou até que ela se acalmasse outra vez, e então perguntou-lhe: — Mas por que não se encontrou comigo no bar? Se você tivesse ido lá, eu poderia ter ajudado você.

Novamente ela o fitou com aquele olhar estranho, indagador: — Eu estava assustada demais — disse ela. — Quando voltei lá mais ou menos uma hora depois e a vi caída lá, assim... eu... me assustei. Perdi a cabeça.

Meti-me num cinema e fiquei dentro dele até muito tarde, e então fui para a estação de ônibus. Eu ia fugir.

— Um momento. Earl Nelson segurou firmemente os braços da jovem. — Vamos esclarecer isto. Que é que você quis dizer quando disse que tinha voltado lá? — Isto mesmo. voltei lá e ela estava morta, e compreendi logo que logo que eu sai pela primeira vez ela deve ter telefonado a você, e quando você soube que ela sabia, você ficou furioso e foi lá, e...

— Eileen! — interrompeu Nelson. — Você pensou que eu a matei? Então quer dizer que não foi você? Você está apenas querendo acobertar-me? — Pst! — Novamente se voltou para olhar em direção da porta. — Sim, você não pode envolver-se nisso. Tem que pensar em sua família.

Earl Nelson não teve oportunidade de pensar nisso. A porta abriu-se e McCormick, Baker e a mulher, entraram. Nelson voltou-se rapidamente para eles.

— Escutem aqui — disse. — Esta moça não matou a mãe dela. Os

senhores estão ouvindo? Ela não matou. Não foi ela. Ela pensou que tivesse sido eu, e estava procurando me proteger...

— Eu sei — interrompeu Baker. — Ouvi tudo. Há um microfone por baixo da mesa, ali.

— Então os senhores sabem! — tornou Nelson. — Não foi ela. Têm de deixá-la...

— E é possível também que vocês dois soubessem do microfone ali — interrompeu novamente Baker. — Pode ter sido uma representaçãozinha muito inteligente que vocês dois fizeram para nós.

— Mas não foi! — Nelson estava quase gritando. Viu a mulher de guarda levar Eileen para fora do gabinete, e fez menção de seguir atrás da moça.

— Calma — disse McCormick. — Se houvesse qualquer verdade no que vocês dois disseram, haveremos de descobrir. Agora, escute, Sr. Nelson, vá para casa e tenha paciência. Não se afobe. Entraremos em contato consigo.

Earl Nelson foi então para o seu estúdio e pôs-se a trabalhar, procurando uma idéia para uma nova ilustração.

Durante todo o dia, enquanto trabalhava, pensou em Eileen e no assassinato de Jeanette Molloy. Procurou fazer todas conjeturas possíveis. Não saiu para almoçar. Ficou trabalhando com as mãos no lápis e no papel, mas sua mente procurava resolver o problema. O problema seu e de Eileen.

Às seis horas da tarde, havia tomado uma resolução. Voltaria para casa, para Márcia. Contar-lhe-ia tudo. Ficaria à sua mercê. Tal era atitude certa, e o que quer que pudesse acontecer, o que quer que resultasse para sua vida, tinha de fazer isso. Talvez os dois pudessem ajudar Eileen.

Uma hora depois, quando entrava na sala de estar de seu apartamento, havia lá três pessoas. Márcia estava sentada na mesma poltrona em que estivera na noite anterior. No sofá, achava-se o tenente Baker. Sentada perto dele, com as mãos cruzadas no colo, estava Eileen.

Earl Nelson parou a porta. Correu o olhar de uma para outra das pessoas que se achavam na sala. Abriu a boca varias vezes, mas parecia que as palavras não se formavam e ele não conseguiu dizer nada.

— Vamos, Earl! — disse Márcia. Ela sorria. Era o mesmo sorriso antigo.

Nelson olhou para Eileen. Também esta sorria. Apenas o sorriso não era tão franco. Parecia que ele tinha algo a desabafar. Estava novamente pintada, e parecia mais bonita do que nunca.

Nelson olhava para aquele vestido, e tornava-se cada vez mais certo do que via, porém, mesmo assim, ainda não podia acreditar. Era um dos vestidos de Márcia. Era um dos vestidos de sua própria esposa, e Eileen estava usando-o.

— Onde é que o senhor se encontrava, Sr. Nelson? — perguntou Baker.

Os lábios longos e musculosos, contraíram-se. — Já faz bastante tempo que estamos à sua espera. — O detetive olhou para o relógio. — Já era mesmo tempo de o senhor chegar. Tenho de voltar para a cidade.

— Mas... que quer dizer isto? — perguntou Earl Nelson.

— Não quer dizer grande coisa — respondeu Baker. — Simplesmente que a sua filha está livre. Não temos absolutamente nada contra ela. — O sorriso agora tomou forma. — Também o senhor — acrescentou. — Completamente.

— Ah... -Disse Nelson — então descobriu a respeito... daquilo? Márcia levantou-se, então. Avançou rapidamente para o marido e lançou os braços em torno do pescoço dele.

— Sim, — disse ela. — Descobrimos que Eileen é tua filha, e que foste casado com... Jeanette Molloy.

Earl Nelson afastou a esposa de si. Com os braços estendidos, manteve-a segura fortemente pelos ombros.

— Mas você sabe o que isto significa, Márcia. Tu e eu, o Earl Júnior... Márcia, o divórcio que Jeanette conseguiu não foi válido. Foi uma farsa. Só fiquei sabendo disso depois que me casei contigo.

— eu sei — disse ela. — Eileen contou-me tudo. Como te viu um dia quando foste à agência de publicidade em que ela trabalha, e como te reconheceu por um velho retrato que a mãe dela tinha. Contou-me como vocês resolveram que ninguém soubesse, porque, se viesse a público, só poderia prejudicar o nosso casamento.

— Sim — disse ele um pouco tonto. — Jeanette Molloy jamais pensou que eu fosse Nelson, o desenhista. Ela...

— Mas agora está tudo resolvido — interrompeu Márcia. — O tenente Baker mandou fazer verificações e descobriu que havia outro divórcio obtido por Jeanette um ano depois, e esse último está perfeitamente em ordem e legal, de modo que...

— Não estás brincando? — disse ele. Nelson arregalou os olhos. Sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo. Olhou para Baker. O rosto do tenente abrira-se num sorriso. Fez de cabeça um gesto afirmativo, confirmando.

— Mas escute — disse Nelson. — Jeanette foi assassinada. Eileen... O que foi que...

— Agarramos o assassino — disse Baker levantando-se e apanhando o chapéu, que pôs a girar nos dedos. — Aquelazinha ruiva que morava no apartamento de frente, do outro lado do corredor, Sr. Nelson. Jeanette Molloy queria conquistar o marido da outra. A ruiva bebeu demais naquela noite e teve uma briga com Jeanette. Embriagada e furiosa, matou a outra.

Sem perda de tempo, Baker relatou a Earl Nelson o resto. Disse-lhe que sabiam que Nelson não era o assassino. Jeanette Molloy estava morta havia muito tempo antes dele chegar lá. E na polícia desconfiaram que a moça mentia. Não teria sentido que ela tivesse limpado as impressões digitais na arma homicida, e a fosse deixar ali para ser encontrada pela polícia... a própria lima de unhas. Então Baker pôs-se a investigar a respeito dos moradores do edifício.

Não demorou muito para que vencesse a resistência da ruiva.

Márcia aproximou-se e sentou-se ao lado de Eileen, e passou o braço pela cintura. Levantou os olhos para Nelson.

— Sinto-me tão velha — disse ela. — Pode imaginar-me, Earl, com uma filha crescida?

Nelson fitou-a sem nada dizer. Ao sair pela porta, o tenente Baker fez com o polegar um gesto em direção aos desenhos emoldurados à parede.

— Gosto disso, Sr. Nelson — disse ele. — Tenho um quarto de depósito no porão de minha casa. Eu gostaria de saber se o senhor me dava uns dois ou três... autografados?

— Como não? — disse Nelson. Nem olhou para Baker.

Nelson olhou para todos... toda a família. Em seu rosto havia um sorriso meio frouxo, meio tolo. Começou a sentir uma dormência nas pernas e arrastou um pouco os pés, quando caminhou para elas. Mas não se importou.

Fim

C

Table of Contents

Rosto
Sinopse
1
2
3
4
5
6